

CULTURA E SOCIEDADE 2

LUCIANA PAVOWSKI FRANCO SILVESTRE
(ORGANIZADORA)



Atena
Editora
Ano 2020

CULTURA E SOCIEDADE 2

LUCIANA PAVOWSKI FRANCO SILVESTRE
(ORGANIZADORA)



Atena
Editora
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
 (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C968 Cultura e sociedade 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Luciana Pavowski Franco Silvestre. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
 Modo de acesso: World Wide Web
 Inclui bibliografia
 ISBN 978-65-86002-45-4
 DOI 10.22533/at.ed.454201203

1. Cultura. 2. Política cultural. 3. Sociedade. I. Silvestre, Luciana Pavowski Franco.

CDD 353.70981

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O e-book “Cultura e Sociedade 2” apresenta onze artigos com pesquisas e estudos que debatem a relação entre educação e cultura a partir de diferentes perspectivas.

A cultura envolve uma série de valores construídos socialmente que em conjunto estabelecem um código de normas para as relações estabelecidas. Neste sentido, os artigos apresentados contribuem para o debate acerca da influência e relação existente entre a questão cultural e a diversidade, manifestações populares e resistência, conhecimento tradicional e comunidades, levando-se em consideração para estes debates a questão territorial, representações e sustentabilidade.

No que concerne aos artigos que dão ênfase aos aspectos educacionais, as discussões realizadas estão voltadas para a integração entre estas e a cultura, considerando-se a diversidade no contexto escolar e o papel do conhecimento tradicional para o cotidiano dos espaços educacionais.

São pesquisas que contribuem para uma visão mais ampliada e contextualizada das diversidades presentes nos territórios e que acabam por impactar na definição de políticas públicas e nos fatores relacionais, sendo as pautas apresentadas imprescindíveis e ainda com um vasto campo de possibilidades de análises e estudos a serem realizados.

Desejo boa leitura a todos e a todas!!

Luciana Pavowski Franco Silvestre

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
“ANTES DE DANÇAR O COCO ERA COMO ESTAR NO MUNDO, MAS NÃO EXISTIR”: EXPERIÊNCIAS DANÇANTES EM CONTEXTOS DE MUDANÇAS NO CARIRI CEARENSE	
Camila Mota Farias	
DOI 10.22533/at.ed.4542012031	
CAPÍTULO 2	10
ARGUMENTOS EM DEFESA DA INTEGRAÇÃO DAS POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO E CULTURA NA ÉPOCA DE SUA SEPARAÇÃO INSTRUMENTAL	
Marco Antônio de Castilhos Acco Alexandre Santos Arantes de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.4542012032	
CAPÍTULO 3	27
A CONCENTRAÇÃO ESPACIAL DO PROGRAMA CULTURA VIVA NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO	
Bruno Costa Guimarães	
DOI 10.22533/at.ed.4542012033	
CAPÍTULO 4	39
AS REPRESENTAÇÕES FEMININAS NA OBRA DESONRA DE J.M. COETZEE	
Alyne de Sousa Jardim	
DOI 10.22533/at.ed.4542012034	
CAPÍTULO 5	49
APRENDIZAGEM E MUDANÇA PARA A SUSTENTABILIDADE: ESTUDO EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR BRASILEIRA	
Gabriela Almeida Marcon Nora Fernanda Almeida Marcon Rudimar Antunes da Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.4542012035	
CAPÍTULO 6	63
CULTURA E DIVERSIDADE CULTURAL NO CONTEXTO ESCOLAR	
Adriano Alves Silva Diego Martins Sampaio dos Santos Elielson Dias Sacramento Henrique Xavier dos Santos Lorena Oliveira dos Santos Marcildo dos Santos Sacramento Moema Catarina Moreira Nascimento Bastos Palillo Kaic Pires Sena Andrade Paloma Pereira dos Santos Robson de Jesus Andrade Sonia Mendes Ferreira Valdiane Silva Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.4542012036	

CAPÍTULO 7	71
MARÍA A LA LUZ DE LA FE DEL PUEBLO LATINOAMERICANO	
Clara María Temporelli, odn	
DOI 10.22533/at.ed.4542012037	
CAPÍTULO 8	84
O BEM VIVER COMO UMA ALTERNATIVA DE RECONFIGURAÇÃO DE CIDADES BRASILEIRAS	
Fernanda Rodrigues Lagares	
Cassy Lima Santos	
Katiucia da Silva Nardes	
DOI 10.22533/at.ed.4542012038	
CAPÍTULO 9	91
MARAMBIRÉ COMO PATRIMÔNIO CULTURAL E INSTRUMENTO DE RESISTÊNCIA PARA O QUILOMBO DO PACOVAL/PARÁ	
Andréa Simone Rente Leão	
Girlian Silva de Sousa	
Edilmar Santana Quaresma	
Joice Eliane Vasconcelos de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.4542012039	
CAPÍTULO 10	108
O ESTANDARTE: ESPETACULARIDADE E POESIA NAS MANIFESTAÇÕES POPULARES DO HOMEM AMAZÔNICO	
Amarildo Rodrigues da Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.45420120310	
CAPÍTULO 11	120
O PAPEL DOS CONHECIMENTOS TRADICIONAIS NO COTIDIANO DA ESCOLA E NA COMUNIDADE DO RIO MAÚBA	
Edésio da Silva Pinheiro	
Laércio Farias da Costa	
José Francisco da Silva Costa	
Oselita Figueiredo Corrêa	
Josiane da Silva Moraes	
João Batista Sagica de Farias	
Nazareno do Socorro da Silva Oliveira	
Rosilda do Socorro Ferreira Vaz	
DOI 10.22533/at.ed.45420120311	
SOBRE A ORGANIZADORA.....	138
ÍNDICE REMISSIVO	139

O PAPEL DOS CONHECIMENTOS TRADICIONAIS NO COTIDIANO DA ESCOLA E NA COMUNIDADE DO RIO MAÚBA

Data de aceite: 10/03/2020

Edésio da Silva Pinheiro
Laércio Farias da Costa
José Francisco da Silva Costa
Oselita Figueiredo Corrêa
Josiane da Silva Moraes
João Batista Sagica de Farias
Nazareno do Socorro da Silva Oliveira
Rosilda do Socorro Ferreira Vaz

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo analisar o papel dos saberes tradicionais da comunidade do rio Maúba e como os professores têm trabalhado esses saberes no processo de ensino e aprendizagem dos alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Os autores que balizam as análises são: Castro (2017); Costa (2016); Charlot (2005); Cunha (2009); Dourado (2012); Faria, A. R et al. (2009); Foladori (2001); Freire (1996); Freire (2001); Latour (1994); Leff (2001); Nogueira (2005); Santos (2010). Metodologicamente utilizou-se a abordagem qualitativa visando destacar o cotidiano dos sujeitos entrevistados. Como instrumento de coleta de dados a observação e a entrevista com 03 trabalhadores da comunidade, 02 professores e 03 alunos. Esta pesquisa mostrou as primeiras entrevistas realizadas

com os moradores da comunidade de Maúba. Nas análises desta pesquisa, observou-se que na comunidade de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro do rio Maúba, os saberes que mais se destacam são os saberes da pesca artesanal (bloqueio, Espinhel, Viveiro, Puça, Camboa, Gapuia, Caniço, Tapagem e o Cacuri), o manejo do açaí e o trabalho braçal. Segundo os trabalhadores/pais esses conhecimentos são importantes para a comunidade local, comportam adaptações significativas nos conteúdos aprendidos nas aulas que seus filhos aprendem na escola, porém ainda precisar de um empenho melhor dos professores para a preservação da natureza e valorização dos traços da cultura da comunidade. A escola deveria ter consciência do tipo de conhecimento que estão repassando para suas gerações. Ela deveria respeitar os conhecimentos locais, valoriza-los em seus currículos de forma que estes possibilitasse a reflexão de sua realidade. De acordo com as entrevistas realizadas com os professores percebeu-se que eles possuem um conceito sobre os saberes tradicionais, reconhecem sua importância, porém ainda enfrentam muitas dificuldades em realizar os diálogos entre os formais e os científicos. Essas dificuldades são inúmeras como: a valorização dos conhecimentos científicos contidos nos livros didáticos, internet, apostilas ignorando os conhecimentos tradicionais dos alunos.

Contudo, reconhecem a importância do diálogo entre eles para desenvolver uma produção do conhecimento, para os alunos no contexto da sala de aula.

PALAVRAS CHAVE: Saber tradicional, Conhecimento científico, Educação.

ABSTRACT: This article aims to analyze the role of the traditional knowledge of the Maúba River community and how teachers have worked these knowledge in the process of teaching and learning of the students of the Municipal School of Elementary and Middle School Our Lady of Perpetual Help. The authors of the analyzes are: Senhora do Perpétuo Socorro. Os autores que balizam as análises são: Castro (2017); Costa (2016); Charlot (2005); Cunha (2009); Dourado (2012); Faria, A. R et al. (2009) ; Foladori (2001); Freire (1996); Freire (2001); Latour (1994); Leff (2001); Nogueira (2005); Santos (2010).. Methodologically, the qualitative approach was used to highlight the daily life of the subjects interviewed. As an instrument of data collection observation and interview with 03 community workers, 02 teachers and 03 students. This research showed the first interviews with the residents of the Maúba community. In the analysis of this research, it was observed that in the community of Our Lady of Perpetual Help of the Maúba river, the knowledge that stands out most is the artisanal fishing knowledge (block, Espinhel, Viveiro, Puça, Camboa, Gapuia, Caniço, Tapagem and the Cacuri), the handling of açaí and the manual labor. According to the workers / parents, this knowledge, which is so important to the local community, has significant adaptations in the contents learned in the classes that their children learn in school, but still need a better commitment of the teachers to the preservation of nature and appreciation of the traits of the culture of the community. The school should be aware of the kind of knowledge they are passing on to their generations. It should respect local knowledge, value it in its curricula so that it enables reflection of its reality. According to the interviews with the teachers it was noticed that they have a concept about traditional knowledge, recognize its importance, but still face many difficulties in carrying out the dialogues between the formal and the scientific. These difficulties are numerous such as: the valorization of the scientific knowledge contained in textbooks, internet, apostilhas ignoring the traditional knowledge of students. However, they recognize the importance of dialogue between them to develop a production of knowledge for students in the context of the classroom.

KEYWORDS: Traditional knowledge, scientific knowledge, education.

1 | INTRODUÇÃO

Este trabalho de pesquisa fez uma investigação com o objetivo de analisar os saberes tradicionais da comunidade do rio Maúba e como os professores têm trabalhado esses saberes no processo de ensino e aprendizagem dos alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, bem como Compreender a comunidade em seus aspectos sociais, econômicos e

educacionais; Identificar os saberes tradicionais desenvolvidos pelos sujeitos da comunidade; identificar as práticas pedagógicas dos professores da referida escola dentro de um campo de valorização dos saberes dos alunos da comunidade.

Segundo Dourado (2012, p. 02), os conhecimentos tradicionais referem-se:

[...] às línguas, às técnicas de artesanato, aos saberes sobre o ciclo das plantas, sobre a biodiversidade e os ecossistemas. Referimo-nos aos saberes de cura com o uso de substâncias naturais, à produção de expressões artísticas, aos cantos, às danças e aos rituais. Uma grande variedade de conhecimentos podem ser assim classificados, numa variedade de situações e contextos sociais e culturais em que eles são mantidos, produzidos e transformados. São tradicionais os conhecimentos, os saberes e as práticas de pessoas e grupos cujo modo de vida é considerado tradicional. Tais grupos sociais distinguem-se culturalmente dos demais, se auto identificam e são reconhecidos nessa distinção, possuindo formas próprias de organização social. Com base nos conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição, são construídos modos de vida onde a ocupação do território e o uso dos recursos naturais são condição para a sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica (art. 3º, inc. I, Decreto n. 6.040/2007). (DOURADO, 2012)

Para Dias (2012, p. 12) são “conhecimentos intergeracional dos povos amazônicos, transmitidos oralmente e relacionados diretamente aos seus aspectos culturais e ao uso e manejo dos recursos naturais”. E de acordo com a Medida Provisória n. 2.186-16/2001 são informações ou prática individual ou coletiva de comunidade indígena ou de comunidade local, com valor real ou potencial, associada ao patrimônio genético (BRASIL, 2001).

Esses conhecimentos tradicionais são importantes para as populações tradicionais como os quilombolas, ribeirinhos, jangadeiros, sertanejos, indígenas, etc., pois, estes povos usam “territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição” (BRASIL, 2000, p. 12).

Segundo Costa *et. al* (2016) atualmente os conhecimento ecológico tradicional tem sido reconhecido como complementar e, até mesmo, equivalente ao conhecimento científico, sendo cada vez mais procurado por ser uma potencial fonte de ideias para modelos de gestão, conservação e restauração ecológica. Neste sentido, Faria *et al.* (2009, p. 23) destacam ser importante “o estabelecimento da relação de diálogo entre os conteúdos e a realidade de onde a escola está inserida, a fim de considerar as características de seus alunos e, assim, acolher e atender suas demandas”. A pesquisa parte da seguinte problemática: Como os saberes tradicionais da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro vem sendo valorizados no processo de ensino e aprendizagem dos alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio Nossa Senhora do Perpétuo Socorro?

Com o objetivo de formar cidadãos críticos capazes de valorizar o saber local

junto a sua atuação no meio social se faz presente nos documentos que regem a educação, como podemos verificar nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), nos quais trazem em seus princípios e fins da educação nacional, a necessidade de valorizar as experiências que os indivíduos possuem além do âmbito escolar, a fim de estabelecer vínculos entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais. Por outro lado, “representa uma forma de interação com o repertório sociocultural, permitindo o resgate, no interior do trabalho escolar, da dimensão de produção coletiva do conhecimento e da realidade”. (BRASIL, 1997, p. 34).

Desta forma, Costa *et. al* (2016) propõe o diálogo desses saberes,

[...] estabelecido pelo encontro e enriquecimento mútuo do conhecimento científico, no qual é produzido de forma sistematizada, aceito universalmente e trabalhado na escola, com o conhecimento tradicional que reflete a visão proveniente das experiências vivenciadas pelos sujeitos que pertencem às comunidades tradicionais. Esta perspectiva pode contribuir para que o indivíduo reflita criticamente para compreender que a ciência não representa o único acesso ao conhecimento (COSTA *et. al*, 2016, p. 02).

Pois, apesar de diferentes, estes conhecimentos tradicionais são complementares ao serem considerados em seus respectivos valores e contextos de aplicação.

Utilizamos como metodologia a abordagem qualitativa visando destacar o cotidiano dos sujeitos, suas práticas seus saberes e em particular as experiências pedagógicas de uma escola situada no campo denominada Escola Municipal de Ensino Fundamental Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, assim de algum modo visa “compreender como o sujeito categoriza, organiza seu mundo, como ele dá sentido à sua experiência e especialmente à sua experiência escolar [...], como o sujeito apreende o mundo e, com isso, como se constrói e transforma a si próprio” (CHARLOT, 2005, p.41).

A pesquisa como já mencionamos, tratou de investigar o papel dos saberes tradicionais dos moradores da comunidade do rio Maúba e como os professores têm trabalhado esses saberes no processo de ensino e aprendizagem dos alunos que lá estudam. Para isso, foram realizadas entrevistas com três trabalhadores identificados no texto como: TRABALHADOR/PAI- A, TRABALHADOR/PAI-B E TRABALHADORA/MÃE-C que são também pais de alunos e dois professores, P1 e P2.

Os trabalhadores A, B e C nasceram, casaram e vivem com suas famílias atualmente na Comunidade. Seus trabalhos resumem-se em plantar, pescar e cuidar da terra.

O trabalhador A, tem 53 anos de idade, trabalha com a pesca artesanal do espinhel é um dos membros que participa das reuniões da Comunidade a mais de 30 anos.

O trabalhador B, tem 30 anos de idade também mora na comunidade seu trabalho é a pesca de malhadeira e cuidando do açaiçal.

O trabalhadora C, tem 60 anos de idade, é membro da comissão organizadora da comunidade, trabalha como lavradora a mais de 50 anos.

Sabe-se que “as entrevistas tomadas em sequência, num tempo relativamente prolongado, permite ao informante contar histórias de vida e narrativas de eventos da memória individual e coletiva” (SOUZA, 2013, p.44).

A escolha dos entrevistados, pais e alunos, por estes serem da comunidade de Maúba e apresentarem no decorrer de nossa visita a escola comprometimento com uma educação que valorize seus conhecimentos e saberes local. E os dois professores por serem os únicos que aceitaram contribuir em nossa pesquisa. As entrevistas foram agendadas previamente com antecedência respeitando a agenda dos mesmos, que ocorreram no mês de agosto deste ano. Também, foi garantido o sigilo dessas pessoas por questões éticas e institucionais.

Outra técnica utilizada como instrumento de coleta de dados foi a observação das aulas e leitura de documentos oficiais existentes na instituição, tais como planos de aulas e alguns conteúdos buscando situar os discursos contidos nesses registros.

O artigo está organizado da seguinte forma a introdução em que realizamos uma apresentação geral da pesquisa. Em seguida apresentamos a comunidade lócus, e delineamos os saberes tradicionais desenvolvidos pelos sujeitos da comunidade de Nossa Senhora do Perpetuo Socorro. Após, as concepções dos trabalhadores sobre os conhecimentos tradicionais e finalizando com a escola e a valorização dos conhecimentos tradicionais.

2 | LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DA PESQUISA

2.1 A Comunidade de Nossa Senhora do Perpetuo Socorro

A Comunidade de Nossa Senhora do Perpetuo Socorro está localizada as margens do rio Maúba na fronteira entre os municípios de Abaetetuba e Igarapé-Miri na região do Baixo Tocantins, onde possui uma diversidade de riquezas naturais e culturais, como: igarapés, fauna, flora, extrativismo vegetal, formado de riquíssima fonte de matéria prima usada nas atividades econômicas e culturais desenvolvidas na localidade, influenciada pela sua localização. As atividades desenvolvidas na localidade segundo Silva (2016, p. 13) caracterizam “sua raça, cor, religiosidade e seus valores culturais, expressos através da música, da literatura, danças, teatro, folclore e uma diversidade de objetos artesanais, produzidos a partir de matéria-prima local”. Ainda possui um espírito religioso e altamente desportivo, fato que determina sua identidade cultural.

O Rio Maúba faz parte de uma das 72 ilhas da zona rural do município de

Abaetetuba, denominado por Machado (2008) de zona das ilhas das quais as mais importantes são Capim, Sirituba, Campompema, Pacoca, Cururu, São Bento, São Francisco, Santo Antônio e Coelho” (p. 17). A Comunidade de Nossa Senhora do Perpetuo Socorro, faz parte da ilha Sirituba, existe atualmente segundo dona Lurde, 250 famílias morando nesta comunidade. Em relação aos aspectos econômicos, a Comunidade sobrevive do extrativismo vegetal, mercearias, serviço público, artesanato da tala do jupati e da pesca artesanal um dos saberes tradicionais mais importantes da comunidade.

Uma das pescas mais tradicionais é a pesca artesanal do camarão na comunidade, que faz parte da rotina do dia a dia das famílias, as 04h30min da manhã, é comum muitas famílias entrarem no igarapé com suas canoas cheias de matapi, para garantir seu sustento e de seus familiares e voltam quando a maré baixa para tirar o matapi e então retirarem o camarão. Outro tipo de pesca é o Bloqueio do mapará. Nesse tipo de pesca segundo Silva (2016, p. 14) existem algumas funções: “o Taleador que pode ser 02 ou 03 homens, os mergulhadores, também em grupos de 02 ou 03 e outros homens para ajudar”.

Ainda para Silva (2014, p. 14) nesse tipo de pesca:

Primeiro observa a maré, se é boa ou não para o tipo de pesca e o tempo se é propício ou não. Um ou dois Taleadores entram em cena para sondar o cardume, cada um em seu casco, observam a profundidade e o tamanho do cardume, para ver se é conveniente o cardume. Ao juntar o cardume, ele pede aos demais homens que se lancem as redes até formar o bloqueio.

Os mergulhadores entram em cena, para cruzar as redes por baixo, uma empanada com a outra, para que ao puxá-las, os peixes venham junto com as redes. O círculo de bloqueio, dependendo do cardume, pode formar uma grande círculo. As redes são puxadas para dentro de um dos casacos, quando a pesca acaba.

Além desses dois tipos de pesca artesanal que mais se destacam existem outras como: Espinhel, Viveiro, Puça, Camboa, Gapuia, Caniço, Tapagem e o Cacuri que são diferentes armadilhas que servem para pegar outras espécies como camarão, mapará, pescada, bacú, dourado, piraíba, filhote entre outros.

2.2 A escola municipal Nossa Senhora do Perpetuo Socorro

A escola municipal de ensino fundamental Nossa Senhora do Perpetuo Socorro, fica localizada na comunidade de mesmo nome, isto é Comunidade Nossa Senhora do Perpetuo Socorro do rio Maúba (Figura 1)



Figura 1- Escola Municipal Nossa Senhora do Perpetuo Socorro

Fonte: acervo da pesquisa

A escola atualmente conta com uma estrutura física composta por 06 salas de aulas, uma secretaria, uma cozinha, um depósito de merenda e dois banheiros. Seu funcionamento em dois turnos (manhã e tarde), cujo atendimento de 276 alunos dispostos na educação Infantil, o ensino fundamental e ensino médio (anexos) Escola Bernardino Pereira de Barros. Possui um quadro com 23 funcionários, sendo 01 diretora, 09 professores do ensino fundamental, 02 vigias, 04 serventes, 04 rabeteiros (transporte escolar). Na escola também funciona o Sistema Modular de Ensino- SOME como 07 turmas. Esse sistema funciona por módulos com determinadas equipes de professores (que varia de 03 a 04 professores por modulo) estes fazem um circuito por quatro Comunidade por ano, com 50 dias letivos em todas as localidades.

Segundo Pereira (2014) o Sistema de Organização Modular de Ensino- SOME, surge no ano de 1980 no Estado do Pará, como objetivo levar a educação continuada para as comunidades ribeirinhas que se localizam longe das cidades, a fim de oferecer oportunidades para que o filho do camponês pudesse concluir seus estudos. Segundo a Secretaria Executiva de Educação (SEDUC) o Sistema Modular “configura-se com uma estratégia para levar o ensino médio de acesso difícil ou com dificuldades estruturais por conta da localização, mas só passou a fazer parte da SEDUC em 1982”.

Contudo, os povos do campo não veem o acesso à educação do campo como sendo uma estratégia de contentamento, mas sim como um direito previsto na Constituição Brasileira de 1988 que proclama a educação como sendo um direito de todos e dever do Estado transformando a educação em direito público subjetivo, independente dos cidadãos residirem nas áreas rurais ou urbanas (BRASIL, 1996).

Cabe ressaltar que a constituição de 1988 não trata especificamente da educação do campo, mas possibilita as Constituições Estaduais e a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) o tratamento da educação rural no âmbito do direito a igualdade e respeito às diferenças.

É importante salientar que com o SOME tornou-se possível os alunos do campo concluírem seus estudos da melhor forma possível, vale lembrar que o SOME funciona por módulos com determinadas equipes de professores que fazem um circuito por quatro localidades por ano, com 50 dias letivos em todas as localidades. Para uns o SOME é “pouco”, para outros é “muito”, pois sem esse Sistema de Ensino não seria possível os jovens e adolescentes, moradores do campo concluíssem os anos finais do ensino fundamental, o ensino médio e dando possibilidades para que esses alunos adentrassem as universidades.

O SOME surgiu na vida dos alunos ribeirinhos a fim de combater a evasão escolar e em partes combateu. Contudo, muitas coisas faltam melhorar, pois o campo precisa ser visto com os mesmo olhos que o poder público vê a educação dos centros urbanos, com isso, por exemplo, escolas precisam ser construídas para nossos alunos ribeirinhos, uma vez que ainda há muitas localidades onde o SOME funciona nos barracões dos centros comunitários, sem o mínimo de condições para receber esses alunos, e ainda a falta de merenda escolar, livros didáticos que não levam em consideração a diversidade cultural dos estudantes do campo, transportes escolares inadequados e o principal, possibilitar as peculiaridades e diversidades campo.

Atualmente a escola atua no ensino fundamental com os programas do governo federal, como o Mais educação (cancelado) e o Mais Alfabetização, são programas que visam qualificar o rendimento dos estudantes.

Um dos grandes desafios da escola segundo a diretora é o PPP que a escola ainda não possui e que isso implica em várias problemáticas como o planejamento anual e semestral junto da comunidade escolar em relação às suas metas e objetivos.

Segundo Libâneo (2008) o Projeto Político Pedagógico é o plano geral da escola, é um planejamento coletivo da comunidade escolar visando uma prática educativa qualificada, participativa e de atuação coletiva. Ainda, segundo este autor, “O projeto pedagógico curricular é um documento que reflete as intenções, os objetivos, as aspirações e os ideais da equipe escolar tendo em vista um processo de escolarização que atenda a todos os alunos” (LIBÂNEO, 2008, p.357).

3 | SABERES TRADICIONAIS DESENVOLVIDOS PELOS SUJEITOS DA COMUNIDADE DE NOSSA SENHORA DO PERPETUO SOCORRO

Na comunidade de Nossa Senhora do Perpetuo Socorro do rio Maúba, são

muitos os conhecimentos tradicionais sobre a biodiversidade local, como relata alguns moradores da Comunidade.

“Olhe, eu lhe digo o seguinte, existe dois sentido, é assim, aqui no Maúba a pesca se destaca, mas não é tanto, porque é uma minoria de pescador, sabe, já tem uma maioria de produtor de açaí, né. Então aqui tem a pesca, tem uma parte, mas já é mais destacado no açaí. A pesca, ela contribui uma parte, mas só que é menor o pescador aqui do nosso rio do que lá do Panacuera, porque o Panacuera, ele combate com Cametá na pesca. Porque o município que existe mais pescador é Igarapé-Miri e Cametá” (TRABALHADOR/PAI A).

De acordo com o TRABALHADOR/PAI-A, na Comunidade de Maúba a pesca artesanal era um conhecimento tradicional que se destacava, porém atualmente somente alguns pescadores realizam essa atividade, isso se deve ao modelo econômico e a crise ambiental que estamos vivenciando atualmente (FOLADORI, 2001).

Para Foladori (2001) existe, além do modelo econômico, três temáticas que englobam a crise ambiental: a superpopulação, os recursos e os resíduos. Segundo esse autor, “esses três grandes problemas podem ser compreendidos sob um denominador comum: os limites físicos externos com os quais a sociedade humana se defronta” (p.101). Limites esses que se expressam através de uma quantidade maior de população do que o ecossistema pode suportar. Incorporado esses problemas ao modelo econômico vigente, percebe-se que os recursos naturais são escassos diante das crescentes necessidades sociais além da poluição do meio ambiente possuírem uma velocidade que a natureza não consegue reciclar. O autor acredita que os problemas ambientais da sociedade humana surgem “como resultado de sua organização econômica e social”, diz ele, “e qualquer problema aparentemente externo se apresenta, primeiro, como um conflito no interior da sociedade humana.” (p.102).

Para Leff (2002) a problemática ambientais como a escassez da pesca também está aliada ao “efeito de acumulação de capital e da maximização da taxa de lucro a curto prazo, que induzem a padrões tecnológicos de uso e ritmos de exploração da natureza” (p.59). Além disso, o consumismo consequência do capitalismo vem esgotando as reservas de recursos naturais. Portanto, para o autor, uma das principais soluções para amenizar a crise ambiental estaria na valorização do diálogo de saberes, já que “as práticas de uso dos recursos dependem do sistema de valores das comunidades” (p.79).

Atualmente segundo o TRABALHADOR/PAI-A, o açaí ganha o espaço de ser um dos conhecimentos tradicionais, mais intenso na comunidade. Isso se deve a sua abundância e por produzir um dos importantes alimentos para as populações locais, além de ser a principal fonte de matéria-prima para a agroindústria de palmito no

Brasil (NOGUEIRA, 2005).

É a pesca, porque aqui a vida nossa é pesca. Pesca de camarão, pesca de rede. Então, é a maneira que nós utiliza mais é essa aí, que é onde nós conhece a nossa área e a onde nós for, nós sabe se virar, porque é a área que nós aprendemos aqui no sítio, a área da pesca, não importa qual for o tipo de pescado, nós entendemos, porque nós sabe fazer o matapi, nós sabe pescar o camarão e nós sabe fazer a rede e sabe pegar o peixe. Então, foi à área que nós aprendemos com os nossos pais, isso aí vem dos antigos (TRABALHADOR/PAI- B).

Para o TRABALHADOR/PAI- B que vai de encontro com a fala do TRABALHADOR/PAI-A, diz que o conhecimento tradicional que se destaca é a pesca artesanal e justifica que essa prática proporciona o sustento das famílias da comunidade de Maúba, além de ser uma atividade que foi aprendida através das gerações.

Já para a TRABALHADORA/ MÃE-C, que além de moradora da comunidade é professora, relata o seguinte que os conhecimentos tradicionais mais presente na comunidade é o trabalho braçal, isso é o trabalho que utiliza das mãos do ser humana, este é pouco reconhecido, mas para muitas comunidades rurais é o mais utilizado, como se pode ver a seguir.

No trabalho braçal, como trabalhar a terra sabe, como educar pra que ele não esteja destruindo, fazendo a derruba. É, quando derrubar pra ele plantar, um trabalho em grupo, a união das pessoas, do mesmo objetivo, da progressão na agricultura, na pesca, nas coisas sociais também (TRABALHADORA/ MÃE-C).

De acordo com os entrevistados na Comunidade de Nossa Senhora do Perpetuo Socorro, os conhecimentos tradicionais que ainda prevalece são a pesca artesanal, o manejo de açaí e o trabalho braçal que são usados para uma variedade de finalidades importantes que vão desde o uso como alimentos, até o desenvolvimento de conhecimentos e práticas para a agricultura e a criação de animais.

Esses conhecimentos são vistos pelos moradores da comunidade como algo importante para a sobrevivência local.

Segundo Castro (2017) “o conhecimento tradicional refere-se a saberes, inovações e práticas das comunidades indígenas e locais relacionados aos recursos genéticos”. Esses conhecimentos tradicionais são frutos da luta pela sobrevivência e da experiência adquirida ao longo dos séculos pelas comunidades, adaptados às necessidades locais, culturais e ambientais e transmitidos de geração em geração.

De acordo com Freire (2001), os sujeitos produzem conhecimentos que devem ter visibilidades a partir de seus territórios, culturas, saberes e práticas cotidianas. Entretanto, muitas vezes são invisíveis porque não são dialogados nos currículos das escolas, suas identidades agro-pesqueira, da agricultura e outras práticas socioculturais, como os saberes tradicionais da pesca artesanal.

4 | CONCEPÇÕES DOS TRABALHADORES SOBRE OS CONHECIMENTOS TRADICIONAIS

Com o objetivo de analisar os saberes tradicionais dos moradores da comunidade do rio Maúba e como os professores têm valorizado esses saberes no processo de ensino e aprendizagem dos alunos da escola Nossa Senhora do Perpetuo Socorro realizamos entrevista inicialmente com os 03 trabalhadores da comunidade do Rio Maúba.

A entrevista foi realizada na casa dos entrevistados. A primeira pergunta foi o que é saber tradicional? Essa pergunta foi esclarecida através de alguns exemplos, como conhecimento aprendido na tradição, conhecimento repassado de pais para filhos.

Olhe, no meu ver, saber tradicional são coisas que a gente aprende pela natureza, não pelo estudo, né. A tradição nossa é assim, porque tudo que ele trabalha ele conhece. É aquele conhecimento que agente aprendeu desde menino né, pra gente viver ne, como a caça a pesca eu acho que é isso (TRABALHADOR/PAI- A). Saber tradicional é, aqui na vida, aqui né, ribeirinho, pra nós é, cada um de nós sabemos de várias coisas diferente, né. Como fazer o matapi, paneiro, é coisas que nós aprendemos no passado com nossos pais, né. Na pesca, é de açaizal. Isso foi coisa que nós trouxemos do pai nosso. Então, malhadeira, consertar rede, pesca na baía, é, tantas braças de rede, malha, se é malha 40, 35 que é a pesca que nós pesca aqui, é o tamanho por defeso da marinha, de pescador e com isso que eu aprendi com meu pai, né. Porque eu aprendi com meu pai a me virar, a sozinho assim. Agora eu vou, já sei fazer aquilo que ele fazia, ir nos pontos de pesca dele. (TRABALHADOR/PAI-B)

É aquilo que são repassados de pai para filho. Os pais, por exemplo, na pesca, eles ensinam como pescar, como preparar o material, como organizar os acessórios de pesca, os acessórios de trabalho na agricultura, como limpar a terra pra plantar, como usar o material que vai ser na pesca, como organizar um trabalho de casa, como vai organizar um trabalho profissional por exemplo, no meu caso que era professora tinha que fazer o meu plano de aula pra que o meu aluno, ele me dei suporte, que ele alcance o meu objetivo daquela aula. Então eu vou fazer de acordo como eu aprendi. Assim eu vou ensinar o meu aluno a ler, a escrever, a me respeitar, dá um suporte pra que eu possa respeitá-lo. É, repassar o conhecimento que eu tenho pra ele e ele obter o que eu tô repassando pra ele, pra que o meu objetivo seja alcançado no final da aula, no final do mês, no final do ano, pra que eu possa tá repassando um conhecimento que eu tenho, como saberes tradicionais no caso. Que eu possa educá-lo e fazer com que ele se torne um cidadão do jeito que, no nível que eu já estou. Vai demora um tempo, porque não é de um dia pro outro que eu vou consegui repassar aquele conhecimento pra ele, mas, na prática, na teoria, assim por diante (TRABALHADORA/MÃE- C).

Nessas entrevistas podemos verificar que todos os trabalhadores deram um exemplo de conhecimento tradicional, realizando uma ligação entre as experiências do cotidiano e as relações estabelecidas entre os indivíduos. Segundo Morales (apud, COSTA et. al, 2016, p. 02) o saber tradicional é resultado de um “conjunto de saberes e práticas geradas, selecionadas e acumuladas coletivamente durante milênios de acordo com as diferentes capacidades da mente humana, armazenado na memória e transmitido de geração em geração”. É o saber da experiência.

Quando perguntamos para os trabalhadores sobre a importância desses saberes tradicionais para a Comunidade de Nossa Senhora do Perpetuo Socorro, eles responderam:

Olhe, eu vou lhe falar o seguinte, em vários lugares a comunidade, ela releva, ela dá a importância, mas na nossa não dá, aqui na nossa região, né. Porque se a nossa região ela desse importância, faz ser dos nossos dois lados, Abaeté, Igarapé-Mirí. Eu lhe digo que o nosso lado não estava como está, você sabe por que? Porque hoje ninguém pensa em preservar, ninguém pensa em ter o respeito da natureza, cada cá mais está a disfruta da natureza, né? Então se a nossa comunidade, ela desse uma importância grande, que ela era pra dar, nós ainda teria muita coisa ainda daqui a mais tempo, mas como está a nossa comunidade que ninguém se importa com nada, cada cá faz como pode, como quer, nós tomamos acabando com a natureza mais rápido (TRABALHADOR/PAI- A).

De acordo com o (TRABALHADOR/PAI- A) tanto a comunidade como a escola pouco da importância aos conhecimentos tradicionais da comunidade na elaboração de suas aulas e essa desvalorização trás alguns problemas como a falta da preservação da natureza e dos conhecimentos tradicionais.

Um ensinando o outro. Agora como? É preservando o meio ambiente, é cuidando da nossa natureza, é aquilo que os nossos pai ensinou, né. É isso que nós guarda e ensina também. Assim como nós aprendemos com os nosso pai, nós estamos ensinando agora pros nosso filho, amigo, vizinho, como tratar o nosso meio ambiente, né. E de que maneira? E de que forma? É preservando, né. É ensinando, educando as nossas crianças (TRABALHADOR/PAI- B).

Para o (TRABALHADOR/PAI- B) os conhecimentos tradicionais deveria ser ensinados na escola, como destacou na frase “um ensinando o outro” como acontecia na época que nasceu onde era repassado de geração a geração.

Em primeiro lugar é o respeito, né. Pelo que você vai repassar para uma pessoa, não só na escola, mas na comunidade em que vivemos. Nós temos que tá repassando com que ele possa a respeitar e ser respeitado, para que ele possa adquirir as coisas com o esforço dele, participando, se agregando na comunidade (TRABALHADORA/MÃE - C).

Já para o (TRABALHADORA/MÃE C) a escola deveria ter consciência do tipo de conhecimento que estão repassando para suas gerações. Ela deveria respeitar os conhecimentos locais, valoriza-los em seus currículos de forma que estes possibilite a reflexão de sua realidade. Essas afirmações mostra o distanciamento entre a escola e a realidade dos alunos, na qual a escola necessita do trabalho coletivo com os pais para desenvolver os saberes tradicionais da comunidade de Maúba e seus costumes.

Quando perguntamos aos trabalhadores se eles utilizavam os saberes tradicionais em sua prática cotidiana? As respostas foram as seguintes.

Olhe, eu lhe digo que na comunidade eles utilizam os dois, né. Um pouco de cada um, né. É porque, é, a comunidade, assim como tem pessoas que ela trabalha com o açai, mas tem uns que trabalham na pesca. Então pra concluir o certo, nas ilhas são os dois ramos que existe, é a pesca e o açai, mesmo que o cara tenha um pedacinho de terra, mas um cacho de açai ele tem (TRABALHADOR A).

Segundo o (TRABALHADOR/PAI-A) os conhecimentos que mais se destacam e a comunidade valoriza em seu cotidiano são os conhecimentos do manejo do açai e da pesca artesanal.

É a mesma informação que eu te dei agora, né. São essas coisas que sempre nós utilizamos e utilizam, né? É o meio ambiente, a preservação do nosso rio, da nossa mata, da nossa pesca. É isso aí a tradição nossa aqui, né. É como eles nos ensinaram, é da forma que nós vivemos aqui, dessa maneira aí. Aqui a gente não pode pescar mais o mapará, a gente não pode mais pescar o dourado, camarão. Aí é nesse período que a gente vai pro açazal, vai trabalhar no açai(período que fecha a pesca). Aí fica difícil pra sobreviver, aí agente faz o trabalho no mato, cuidando do açazal. Aí é dessa maneira que a gente vive aqui, da forma que nós aprendemos com os nossos pai, da forma que nós vive. Dessa maneira, pesca na época de pesca e trabalha na safra do açai, que é na safra de açai. A gente não faz pesca e trabalho de mato, porque nós se asustamos desse custo de vida, de peixe e da mata. Quando não dá pra um lado, a gente corre pro outro. Aí todo tempo a gente fica se mantendo da floresta, da natureza e nós preserva assim, dessa maneira o meio ambiente (TRABALHADOR/PAI- B).

O trabalhador/pai- B, ressalta que a comunidade possuía uma tradição milenar onde interviam no meio sem agredir, conseguiam preservar o meio ambiente, pois foi isso que aprenderam no decorrer de suas vidas. Com a intervenção do seguro defeso muita coisa mudou na comunidade. Hoje se tem dois períodos, um que se pode pescar e outro que essa pesca é proibida. No período em que não se pescar, acontece o manejo a colheita do açai.

Hoje em dia já está sendo meio, uma transformação científica, que já não é como antes. As vezes as instituições, elas nos obriga a fazer uma coisa que está no programa da sociedade atualmente, não na prática de antes como eram feito, como no começo eu falei que era de pai pra filho, hoje a gente já está sendo manipulado pelas pessoas, pelas autoridades, pelo aquilo que vem de fora. (TRABALHADORA/MÃE- C).

A trabalhadora/mãe- C, diz que muitas coisas mudaram na comunidade em relação ao uso dos conhecimentos tradicionais. Atualmente não se tem mais autonomia para utiliza-los devido a intervenção dos meios técnico-científico que possuem meios mais sofisticados e com isso as gerações futuras ficam manipulados por eles.

5 | A ESCOLA E A VALORIZAÇÃO DOS CONHECIMENTOS TRADICIONAIS

Para compreender como a escola vem valorizando os saberes tradicionais,

realizamos as próximas entrevistas que desta vez foram com dois professores, aqui vamos chama-los de P1 e P2 para facilitar a identificação dos sujeitos.

As entrevistas com os professores foram realizadas na Escola Municipal de Ensino Fundamental médio Nossa Senhora do Perpetuo Socorro do rio Maúba, devido alguns professores morarem na cidade de Abaetetuba e não disporem de tempo para me atender e contribuir com a pesquisa.

Iniciamos as entrevistas com os professores com o questionamento já realizado com os trabalhadores: O que você entende por saber tradicional? Comente.

Saberes tradicionais são saberes adquiridos com o tempo, né? Com a vivência, com os hábitos, com os costumes, são saberes que passam de mãe para filho, de pai para filho, de geração pra geração e é uma coisa muito, eu acho como fundamental assim pra manter, digamos assim, a identidade do ser humano, né? Porque as vezes a gente, hoje como a gente tem a questão da tecnologia, da ciência muito avançada, tem gente que pode tender a menosprezar esses saberes tradicionais que é uma coisa que não pode acontecer, porque faz parte das nossas origens, da nossa formação, da nossa cultura, dos nossos hábitos. Eu acho importante manter essa tradição, né, esses saberes e hoje eu até brinco com meus alunos assim: hoje vocês já esqueceram o remo, vocês não sabem mais remar, vocês não sabem mais apanhar açaí, não é? Hoje a gente olha, a gente não vê mais uma canoa, uma montaria no porto de vocês, hoje é a rabeta. Eu brinco assim, nesse sentido, mas eu digo pra eles: _olha, vão aprender a remar, vão aprender a apanhar açaí, vão aprender a pescar, porque isso faz parte da cultura de vocês. Então, é mais ou menos assim que eu entendo (P1).

Observa-se na fala do (P1) que este, possui uma definição de saberes tradicionais bem clara, destacando a importância deste para a comunidade, bem como da tradição no processo de repasse desses saberes para as gerações futuras. No entanto, faz referências a transformação ou perda desses saberes para a tecnologia e a ciência, que muitas vezes menospreza esses conhecimentos em troca de outros mais avançados.

Saberes tradicionais são saberes que adquirimos com nossos antepassados, com nossos avós, com os nossos pais e que não estão organizados nos livros, organizados cientificamente. São saberes que se adquirem, as pessoas adquiriram, né, com o passar do tempo e que foram nos repassando, só que atualmente esses saberes estão perdendo terreno para os conhecimentos científicos né, aqueles conhecimento das ciências (P2).

Assim como o P1, a P2 traz um conceito claro sobre os conhecimentos tradicionais, falando também sobre a tradição desses saberes repassados ao longo dos tempos, porém faz referências a sobreposição dos saberes científicos sobre os tradicionais. Segundo Sontos (2010) existe uma teoria que defende uma supremacia da ciência ocidental moderna sobre outras formas de conhecimentos, neste caso, os conhecimentos tradicionais. Sobre essa ideia, convém atentar-se para as considerações de Latour (1994) quando ele nos propõe pensar sobre a

legitimação do conhecimento científico como superior. Para este autor, a ciência moderna é apenas uma possibilidade de ordenamento do mundo. Ao discorrer sobre essa concepção universalizante da ciência ocidental,

Cunha (2009, p. 301) nos faz refletir que:

A pretensão de universalidade da ciência talvez seja herdeira das ideias medievais de uma ciência cuja missão era revelar o plano divino. Desde o século XVII, ao se instaurar a ciência moderna, ela foi deliberadamente construída como uma, através de protocolos de pesquisa acordados por uma comunidade.

Cunha (2009) ressalta que a ciência ocidental se chancela perante os saberes tradicionais, ou ditos diferenciados. Vale aqui ressaltar, que tal chancela obedece a uma rede relacional de poderes, com códigos próprios, um mundo construído por ritos de passagens em que o sujeito vai se moldando enquanto um “cientista”.

A próxima pergunta direcionada aos entrevistados foi: *Você já trabalhou o saber tradicional da comunidade em sua disciplina? Comente.*

Raras as vezes, né, e até faço até uma crítica, porque a gente acaba se prendendo muito ao que é acadêmico, né, ao que vem no livro, ao que tá na pesquisa, enfim, o que a gente vai buscar na internet e a gente acaba que esquecendo um pouco ou muito esses saberes tradicionais, que seria muito importante a gente incluir né.

É, eu já trabalhei esse saber tradicional na minha disciplina, por exemplo, língua portuguesa, é, através da narração. Através da narração a gente, é, busca com o aluno aquilo ele já ouviu dos pais, dos avós a respeito, por exemplo, das lendas, é, trabalha a questão da lenda. Aí ele conta, por exemplo: _há, o meu avô contou a lenda da iara, a lenda da iara é assim, assim, assim, assim. Aí eu digo: mas você também, nós podemos também ler isso nos livros e já está organizado, né. Aí nós podemos ler, é, essa mesma lenda numa outra versão. Então, a gente trabalha nessa questão de versões, por exemplo, aí o avô conta numa versão e a gente lê no livro numa outra versão a questão da narração, né, na lenda (P2).

Observa-se nas falas tanto da (P1) quanto da (P2) que não há uma associação dos saberes tradicionais desenvolvidos pelos moradores da comunidade de Maúba com suas práticas no cotidiano da escola, elas trabalham conteúdos mediados por livros, internet ou diálogos sobre lendas entre outros. Contudo, reconheceram a importância de desenvolver este trabalho com os alunos da escola municipal Nossa Senhora do Perpetuo Socorro o que demarca a necessidade do diálogo entre os sujeitos que constituem o entorno desta comunidade. Portanto, para que isto ocorra é preciso do diálogo, segundo Paulo Freire (1996), este só possui sentido quando há uma ação e reflexão sobre a realidade em que os sujeitos estão inseridos, uma conquista implícita dos sujeitos dialógicos de criação e resistência que rompem com um ato de que os saberes eurocêntricos, depositados na ideia de um sujeito no outro, são os únicos saberes válidos na sociedade capitalista.

Quando perguntamos aos professores: *Quais as dificuldades em relacionar os*

conteúdos de sua disciplina com os saberes da comunidade? Comente

Pois é, então é justamente nessa questão, da gente deixar ele de lado, a questão do tradicional e se apegar muito a questão do livro didático, o que o livro traz, não é? Não quer dizer que seja impossível de trabalhar, mas eu creio assim, que vai partir muito de nós, que o livro não traz. A gente sabe que é a realidade do livro que a gente recebe, tá muito distante da nossa realidade, da realidade do aluno. Então, já que o livro não traz, eu teria que buscar, não é esse, eu teria que buscar uma forma de trabalhar esses saberes dentro das minhas aulas. Então é uma falha nossa (P1).

A gente as vezes se prende muito no livro didático, é, se preocupa muito com o conteúdo e a gente precisa está trabalhando nas nossas aulas pra se fazer uma avaliação com o aluno e as vezes não sobra tempo pra gente fazer essas leituras que a gente precisa fazer essa parte oral com nosso aluno, buscar esse conhecimento tradicional com nosso aluno. Não sobra esse tempo, mas sempre que possível eu faço isso, por exemplo, os versos. Os pais de vocês, os avós de vocês trabalhavam, é, já falavam versos pra vocês, já falaram textos escritos em versos. Aí: _há, sim, olha, meu pai, meu avô, ele fala tal verso assim. Aí: _como é que ele fala esse texto, esse poema? Ele tem quantos versos? Ele tem estrofes? Aí a gente vai explorando essa questão aí, né. (P2).

Como se pode perceber nas falas dos entrevistados que existe muitas dificuldades em fazer o dialogo dos saberes tradicionais e os saberes científicos nas aulas, devido a diferente fatores como, os professores ainda priorizam os conhecimentos científicos contidos nos livros didáticos, ignorar os conhecimentos que os educandos trazem para a escola. No entanto, o P1, reconhece que a mudança está em sua prática pedagógica. A P2, Comenta que apesar das dificuldades realiza, mesmo que de forma simplista um dialogo em suas aulas, como os versos, narrativas entre outros.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas escolas localizadas em comunidades rurais estão cercadas pelo rico saber que sé proveniente da interação entre os indivíduos e construído de acordo com suas necessidades e relações com o ambiente. Porém, apesar da importância de se trabalhar este saber como ferramenta para inserir a realidade do aluno nas discussões realizadas em sala de aula, infelizmente muitas vezes este não é contextualizado devido à dificuldade que os professores encontram em relacioná-lo com os conteúdos curriculares. Esta pesquisa mostra os resultados das entrevistas realizadas com trabalhadores/pais da comunidade de Nossa Senhora do Perpetuo Socorro do Rio Maúba, bem como dos professores que atuam na escola de mesmo nome, isso é Escola Municipal Nossa Senhora do Perpetuo Socorro.

De acordo com os trabalhadores/pais são inúmeros os saberes tradicionais existente no contexto do Rio Maúba e vão desde os saberes tradicionais da medicina

alternativa aos saberes tradicionais do artesanato. Porém, de acordo com os três trabalhadores/pais pesquisados os que mais se destacam são os saberes da pesca artesanal (bloqueio, Espinhel, Viveiro, Puça, Camboa, Gapuia, Caniço, Tapagem e o Cacuri), o manejo do açai e o trabalho braçal. No entanto, segundo os trabalhadores/pais esses conhecimentos tão importante para a comunidade local, não são levados em consideração nos conteúdos aprendidos nas aulas que seus filhos aprendem na escola e essa desvalorização trás alguns problemas como a falta da preservação da natureza, bem como dos conhecimentos tradicionais e que a escola deveria ter consciência do tipo de conhecimento que estão repassando para suas gerações. Ela deveria respeitar os conhecimentos locais, valoriza-los em seus currículos de forma que estes possibilitasse a reflexão de sua realidade.

De acordo com as entrevistas realizadas com os professores percebeu-se que eles possuem um conceito sobre os saberes tradicionais, reconhecem sua importância, porém ainda enfrentam muitas dificuldades em realizar o diálogos entre os formais e os científicos. Essas dificuldades são inúmeras como: a valorização dos conhecimentos científicos contidos nos livros didáticos, internet, apostilhas ignorando os conhecimentos tradicionais dos alunos. Contudo, reconheceram a importância do diálogo entre eles para desenvolver uma produção do conhecimento, para os alunos no contexto da sala de aula.

REFERÊNCIAS

BRASIL, **Decreto nº 6.040**, de 7 de fevereiro de 2007.

BRASIL, **Medida provisória nº 2.186-16**, de 23 de agosto de 2001. (Convenção sobre Diversidade Biológica), dispõe sobre o acesso ao patrimônio genético, à proteção e o acesso ao conhecimento tradicional associado, a repartição de benefícios e o acesso à tecnologia e a transferência de tecnologia para sua conservação e utilização, e dá outras providências.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais, ética / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CASTRO, Carlos Potiara. Uso dos Recursos Genéticos Conhecimentos Tradicionais. Disponível em : <https://www.cbd.int/abs/infokit/revised/web/factsheet-tk-pt.pdf-2017> acesso em 22/10/2018.

COSTA, Paula Gabriela da. **Diálogo de Saberes Tradicionais e Científicos na Escola: Concepções de professores da educação básica**. VI Enebio e VIII Erebio Regional 3. Revista da SBEnBio - Número 9 – 2016.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o Saber, Formação dos Professores e Globalização**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2005.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Cultura com aspas**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

DOURADO, Sheilla Borges. **Conhecimentos Tradicionais e Direitos Humanos**. Anais da 64ª Reunião Anual da SBPC – São Luís, MA – Julho/2012.

FARIA, A. R *et al.* **O eixo Educação do campo como ferramenta de diálogo entre saberes e docência.** In: ROCHA, M. I.; MARTINS, A. (org.). **Educação do campo:** Desafios para a formação de professores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 93.

FOLADORI, G. **Limites do Desenvolvimento Sustentável.** São Paulo: UNICAMP, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 27. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Política e Educação: ensaios Paulo Freire-** 5ª ed. São Paulo, Cortez, 2001.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos:** ensaio de antropologia simétrica. Trad. Carlos I. da Costa. 34. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

LEFF, E. **Saber Ambiental:** sustentabilidade, complexidade, poder. Petrópolis: Vozes, 2001.

LIBÂNIO, José Carlos. OLIVEIRA, João F. TOSCHI, Mirza S. **Educação Escolar:** Política, Estrutura e Organização. São Paulo: Cortez, 6ª, 2008.

NOGUEIRA, Oscar Lameira. **Açaí /** editado por Oscar Lameira Nogueira, Francisco José Câmara Figueirêdo, Antonio Agostinho Müller. ___ Belém, PA: Embrapa Amazônia Oriental, 2005. (Embrapa Amazônia Oriental. Sistemas de Produção, 4).

PEREIRA, Rosenildo da Costa. Sistema de Organização Modular de Ensino (SOME) e a inclusão social dos jovens e adultos do campo. **MARGENS- Revista Interdisciplinar. Dossiê: Formação Docente, VOL. 10. N. 14. Jun. 2016. (p. 187- 198).**

SANTOS, Boaventura de Souza. **A gramática do tempo:** para uma nova cultura politicapolítica -3. Ed,- São Paulo: Cortez 2010- (Coleção para um novo senso comum; v. 4).

SOBRE A ORGANIZADORA

Luciana Pavowski Franco Silvestre: Possui graduação em serviço social pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2003), mestrado em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2013) e doutorado em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2018). Atualmente é professora do curso de serviço do Centro Universitário Santa Amélia e assistente social do Centro de Socioeducação de Ponta Grossa, atuando principalmente nos seguintes temas: criança e adolescente, assistência social, políticas públicas, cidadania e família.

ÍNDICE REMISSIVO

A

África do Sul 39, 41, 42, 43, 44, 47, 48, 139

Apartheid 39, 40, 41, 42, 139

Aprendizagem organizacional 49, 50, 51, 52, 53, 59, 60, 61, 62, 139

Arte-Educação 10, 15, 16, 139

B

Bem Viver 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 139

C

Cariri 1, 2, 3, 4, 5, 6, 9, 139

Condição feminina 39, 41

Conhecimento científico 121, 122, 123, 134, 139

Cultura Viva 27, 28, 29, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 139

D

Dança do Coco 1, 139

Desenvolvimento 3, 4, 6, 11, 13, 14, 15, 21, 25, 26, 28, 29, 31, 44, 50, 51, 56, 62, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 92, 105, 129, 137, 139

Diversidade 10, 11, 12, 15, 17, 24, 36, 37, 63, 65, 66, 67, 70, 111, 116, 117, 124, 127, 136, 139

E

Educação 4, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 21, 22, 23, 24, 25, 29, 30, 31, 32, 37, 44, 45, 49, 50, 60, 63, 65, 67, 69, 70, 104, 106, 121, 123, 124, 126, 127, 136, 137, 139

Espetacularidade 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 139

Estandarte 108, 109, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 139

Estudo de caso 49, 139

Etnocenologia 108, 111, 112, 113, 117, 119, 139

Experiências Dançantes 1, 5, 139

I

Imaginário 90, 108, 111, 118, 119, 139

Instituições de ensino superior 49, 50, 51, 53, 59, 139

Inversão de poder 39, 139

L

Lei Rouanet 27, 28, 31, 34, 139

M

Marambiré 91, 92, 93, 94, 95, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 139

Mudanças organizacionais 49, 50, 59, 60, 139

P

Particularidades 63, 66, 140

Política Cultural 10, 28, 29, 35, 36, 38, 140

Política Educacional 10, 23, 140

Políticas Públicas 1, 4, 5, 6, 8, 11, 12, 22, 27, 33, 138, 140

Protagonismo Feminino 91, 93, 140

Q

Quilombo 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 140

R

Reconfiguração da Cidade 84, 140

Resistência 39, 41, 47, 48, 88, 91, 92, 93, 95, 96, 103, 104, 105, 106, 134, 140

S

Saber tradicional 121, 130, 133, 134, 140

Sociedade 5, 23, 25, 32, 33, 34, 42, 43, 45, 46, 49, 63, 64, 66, 67, 69, 70, 91, 92, 93, 94, 106, 128, 132, 134, 140

Sustentabilidade 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 62, 137, 140

 **Atena**
Editora

2 0 2 0